

ENTREVISTA

Joana Paulin Romanowski

Professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora colaboradora UNINTER. Bolsista Produtividade – CNPQ. Professora Adjunto aposentada UFPR. Professora aposentada da Rede Municipal de Curitiba.

Nascida no interior da cidade de Itaiópolis, situada ao norte do Estado de Santa Catarina, tive uma infância marcada pela vida simples no campo. A mudança para a cidade trouxe a possibilidade de escolarização, iniciada muito cedo, necessitando fazer a escola primária de cinco anos. Não tinha completado a idade mínima para poder realizar o exame de admissão no então Ginásio Caetano Munhoz da Rocha, em Rio Negro.

Uma vez terminado o tempo de ginásio, as possibilidades de continuidade de estudo foram direcionadas para a escola normal colegial ou escola colegial de comércio. Cursei ambas por intervenção de meu avô materno. Estudar, aprender foi sempre uma alegria. Muitas vezes lia o texto do livro didático antes de ser trabalhado pelo professor, pois isso possibilitava perguntar na aula para além do texto. Se, de um lado, a busca do conhecimento movia meu interesse, por outro, o trabalho se apresentava como necessário para ajudar minha família na provisão de nosso sustento. Uma família, para adquirir a casa própria e bens necessários para vida simples, inclui todos no trabalho. Longe de ser uma exploração na infância, é uma necessidade e possibilidade de aprender e compartilhar. Assim, aprendi a cozinhar, coser, plantar, cuidar dos animais domésticos. Na escola, aprendi como ser professor, como ser contador. O dia todo tínhamos ocupações: escola, trabalho e, novamente à noite, escola, tudo isso compartilhado com minhas irmãs, mais de perto com Daniela, minha querida irmã e amiga (lembrar desse tempo é sempre emocionante). Nessa convivência, também aprendi a ouvir, pedir, respeitar, ajudar, apoiar, persistir, enfim, uma humanização nas relações sociais daquele contexto e que permanecem.

Terminados esses cursos com empenho de boa aluna, convivendo com tias professoras, de imediato ingressei no magistério, como professora substituta em escola pública do estado de Santa Catarina, na cidade de Mafra. Concomitantemente, assumi aulas de matemática e história na quarta série, co-regente com Irmã Cleia no Colégio São José. Foi um ótimo aprendizado de como estabelecer relações com os alunos e de como promover um ensino utilizando recursos didáticos, intensificando a participação dos alunos mediante a realização de atividades. E à noite, com essas mesmas disciplinas, trabalhava com adultos que queriam se preparar para realizar o exame de admissão, mantendo minha jornada diária intensificada. É bom dizer que na escola normal aprendi a trabalhar com unidade de ensino, partir da definição de um assunto integrador, realizar uma prática docente considerando uma perspectiva da escola nova, embora não tivesse compreensão das concepções de ensino. Nesses primeiros tempos, com as descobertas e as dificuldades, foi estabelecida a escolha de ser professora.

Na sequência, aconteceu o concurso para professora primária no Estado de Santa Catarina, continuando também no Colégio São José, enquanto aguardava minha irmã concluir a escola normal e a escola de comércio, para poder, então, ir para a universidade na cidade de Curitiba.

Essa não foi uma decisão fácil, tínhamos que prover os recursos financeiros e conseguir a concordância paterna para podermos “sair de casa”. A meta foi atingida e ingressamos no curso de pedagogia na Universidade Federal do Paraná, iniciado em 1969, logo após o AI-5. Ter cursado o ensino superior nesse período deixou marcas. Ressalto que a formação no curso de pedagogia foi intensa, o Laboratório de Ensino orientado pela professora Eny Caldeira, o aprendizado em gestão, história, psicologia.

Nesse mesmo tempo, iniciei a docência em escolas da rede municipal de Curitiba, uma proposta de educação comunitária de intensa relação com as famílias dos alunos. A proposta buscava integrar educação, saúde e serviço social. Foi um longo tempo de atuação nessa rede de ensino. Foi um tempo de prática no regime da Lei 5.692/71, na qual se desenvolvia a iniciação ao trabalho, propostas pedagógicas de diferentes concepções. Um novo modo de organização da escola que iniciava a expansão da escolarização nos bairros mais afastados do centro da cidade. Bairros que já recebiam os trabalhadores do campo remanescentes do então iniciado êxodo rural. Essa prática se alongou por mais de duas décadas.

Buscar compreender essas relações da prática escolar impulsionou a continuidade da formação no mestrado, com o desafio de pesquisar as necessidades educativas das comunidades de periferia urbana, sob orientação de Heloisa Luck. Ao terminar o mestrado, a universidade ampliava seu quadro de docentes, e uma nova prática como professora universitária foi acolhida.

Assumindo a docência na universidade, novas práticas foram realizadas, a correlação da pesquisa com o ensino, com a gestão universitária, com a extensão. O departamento de teoria e prática, composto por professores de todas as áreas e com oferta de disciplinas de didática, metodologia de ensino e estágio, possibilitou uma prática intensa na formação pedagógica nos cursos de licenciatura. Uma prática que envolveu estudos e pesquisas direcionados para a formação de professores.

Uma vez consolidada a inserção nessa prática, a continuidade da formação foi assumida, realizando o doutoramento, na Universidade de São Paulo, com a orientação de Marli André. A pesquisa como formação foi intensificada e incorporada na prática profissional, buscando compreender a produção do conhecimento no campo da formação de professores.

Ao finalizar este relato, é importante expressar agradecimentos às professoras(es), alunas(os), orientandas(os), colegas de profissão e amigas(os) com os quais, ao longo da convivência, aprendi a ser professora e pesquisadora, às minhas orientadoras Heloísa, Marli, Pura, Liliam, Neuza, Ilma, Salézio..., e em especial a minha família que apoia e ampara sempre.

Justifique sua escolha pela docência como profissão.

Muitos são os motivos: necessidade de atuar profissionalmente, uma família de professoras (avó, mãe, tias, nem sempre diplomadas), a condição de oferta de cursos em cidades pequenas, conciliar estudo e trabalho, a condição feminina, e a identificação com a profissão. Uma profissão cujo objeto de trabalho é colocar em movimento o conhecimento junto às pessoas traz possibilidades permanentes de aprender, de descobrir, de comprometimento...

A profissão aprendida nos cursos realizados, na prática vivenciada, nas conversas na escola,

em casa, nas leituras, nos registros, e por fim nas pesquisas. Quase no jubileu de ouro de exercício profissional, iniciado em 1967, e em 2017 serão completados 50 anos de magistério, se a pergunta for: escolheria de novo esta profissão? É uma possibilidade concreta de a resposta ser: sim, escolheria!

Qual é a sua trajetória pela profissão docente?

A experiência na educação básica incluiu alfabetizar, ser professora, diretora, coordenadora, supervisora em tempo integral, do turno matutino ao noturno. Foi iniciada com um terceiro ano, em turno intermediário. Isso permitiu estar com diferentes estudantes, crianças, adolescentes, adultos, idosos. Em cada tempo, um novo grupo, uma nova turma, uma nova aprendizagem de como ser professor. No ensino fundamental do 1º ao 8º ano, regular e supletivo (hoje jovens e adultos).

Na educação superior, na Universidade Federal do Paraná, atualmente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na graduação, no curso de pedagogia, nos cursos das diferentes licenciaturas, matemática, física, química, educação física, história, letras, filosofia, ciências sociais, em que a especificidade de cada área articula-se com os conhecimentos pedagógicos, com a prática escolar em cada um desses campos, diversos entre si. Na educação a distância, no Centro Universitário Uninter, na organização de cursos, na docência, na assessoria.

A pós-graduação realizada em cursos de especialização, no UNINTER, UFPR, PUCPR e outras instituições. A docência em disciplinas pedagógicas, a orientação em trabalhos de conclusão de curso envolveram professores da educação básica e formação de professores para a educação superior em diferentes cursos, direito, enfermagem, farmácia, administração de empresa, ciências contábeis, turismo, entre outros.

Após o doutorado, uma nova fase de docência, na PUCPR, no mestrado e doutorado em educação. Entre as disciplinas direcionadas à formação docente, teoria da educação, formação e profissionalização docente, didática, metodologia da pesquisa. A orientação de mestrandos e doutorandos consolida as possibilidades de praticar a docência e sistematizá-la produzindo conhecimento.

A prática da docência na inserção na educação superior foi somada com interação em grupos e associações de pesquisadores, ampliando e aprofundando a compreensão dessa prática docente na perspectiva da formação e profissionalização de professores, de modo coletivo e compartilhado. Muitas rupturas aconteceram. Essa prática sistematizada e teorizada se expressa em publicações intensificada nesta última década. Essa produção inclui o diálogo com outros pesquisadores tanto no cotejamento das análises como referências na argumentação constituindo os aportes teóricos dos escritos.

É possível pensar na docência sem pesquisa?

A pesquisa envolve a docência, a produção de conhecimentos e sua difusão, o exame e avaliação das pesquisas. Na docência: (i) a pesquisa realizada para organizar o ensino examinando as tendências da disciplina de modo a articular o ensino com o campo do conhecimento e atualizar os assuntos abordados; (ii) a pesquisa como princípio didático para a formação em pesquisa; (iii) a orientação para a formação de pesquisadores; (iv) a investigação sobre os alunos para contextualizar a metodologia proposta; (vi) a pesquisa para articular o ensino ao contexto sócio-histórico. Na

produção de conhecimentos: (i) propor investigações e desenvolver a pesquisa na busca de compreender os problemas da prática pedagógica e, a partir dessa análise sistematizada e rigorosa, inferir os princípios epistemológicos que a orientam, ou seja, a teoria como expressão da prática, compreendendo seus determinantes sócio-históricos. (ii) A comunicação e publicação da pesquisa para contribuir com o campo em que se situa. No exame e avaliação das pesquisas: (i) A revisão sistemática da pesquisa de modo a entender o campo de investigação e apontar as opções de solução das questões já sistematizadas; (ii) a avaliação da pesquisa realizada, contribuindo com a melhoria de seu estatuto por meio da participação em bancas, pareceres. As demandas na busca dessa relação entre docência e a pesquisa são múltiplas e envolvem diferentes aspectos e dimensões, provocando calorosos debates tanto para a melhoria do ensino como para a contribuição social da pesquisa.

Qual a relação entre a sua experiência extraprofissional com seu exercício na docência?

É questão difícil de ponderar, perceber e responder por se constituir a docência e as atividades dela decorrentes, a centralidade de ocupação do tempo disponível, pois leituras, viagens, participações em reuniões, grupos, estão geralmente relacionadas com as atividades profissionais. Muitas das atividades profissionais não se relacionam diretamente com a docência, mas a ela são articuladas. Neste tempo de exigência de alta produtividade, o tempo para práticas extra profissionais é limitado a atender emergências. Incluir experiências extraprofissionais no tempo disponível se coloca como questão para refletir e considerar como possibilidade de interrogar como estamos encaminhando nossa vida, nossa existência.

Como analisa a formação docente no Brasil atualmente?

As diferentes mudanças desencadeadas nas últimas décadas, como a democratização, expansão e diversificação da oferta e acesso à escola, a reorganização pedagógica das instituições escolares, as novas formas de controle do sistema escolar, os modos de condução das políticas públicas, a inserção de tecnologias e comunicação no processo de ensino, apontam para novas demandas para a organização da formação inicial e continuada dos professores. É preciso ir além da revisão das propostas de cursos quanto aos conteúdos e processos para considerar as práticas formativas, as relações entre escola e universidade, educação e sociedade. Examinar, avaliar e compreender as finalidades da escola, da educação, é crucial para analisar as prioridades da formação e profissionalização docente.

A relação universidade e escola mantém o foco de preocupações na instrumentação técnica dos professores para o domínio de conteúdos e métodos. Os professores ressentem o distanciamento de sua prática na composição de seu processo formativo. De outro lado, o aligeiramento da formação sem a compreensão dos fundamentos dos conhecimentos específicos, pedagógicos e sócio-históricos impossibilita uma formação rigorosa e densa para uma atuação crítica, intensa. Uma formação construída coletivamente capaz de levar a termo a tão decantada educação de qualidade para além de resultados medidos por coeficientes e índices se apresenta como possibilidade. Uma formação imbuída de materialidade a favor da liberdade, da cultura, da ética, enfim da humanização. Tudo isso pressupõe rupturas para um novo devir.

Além disso, a desvalorização profissional tem produzido pouca atratividade pela profissão, diminuindo a procura pelos cursos de licenciatura, causando fechamento de cursos. Isso provoca a

manutenção da falta de professores devidamente formados. Acresce a esta problemática a improvisação no provimento de cargos efetivos, com um regime de contratação docente emergencial que provoca rotatividade e instabilidade na composição dos quadros de profissionais das instituições escolares. Enfim, a superação do discurso da educação como prioridade para realizar uma prática efetiva pode ser o primeiro passo para a melhoria das condições de formação e atuação docente.

Como é construir uma formalização ética profissional docente? Por via de um código de ética? O que você pensa a respeito?

A ética como prática de uma relação digna entre os sujeitos e a sociedade pressupõe liberdade e responsabilidade. Prática de reconhecimento dos valores da pessoa humana no mundo. Como nos diz Severino, “se todos os indivíduos se tornarem pessoas éticas, a cidade, a pólis, será igualmente uma comunidade justa”.

Ao nos propormos construir uma formalização ética profissional docente gerada na prática, no cotidiano, nas relações que estabelecemos com os outros e com mundo, começamos pela prática da ética consigo mesmo. Uma pessoa que é sensível aos valores os coloca em ação, como ato de fé. A ética, portanto, é uma luta persistente na busca do bem, do belo, do bom, cuja prática resulta no bem, no belo e no bom.

Sabemos que o estabelecido em códigos não é garantia de prática ética, mas pode ser referência na mediação encetada nas disputas públicas, na mediação para indicar o direito. Um código pode ajudar nesta conquista, contudo poderá se tornar apenas um instrumento de disputa legal por poder. Ressalto que a ética praticada torna-se poderosa, o que não é fácil de decidir, agir e realizar. Praticar a ética nos liberta, nos humaniza, o que não nos exime de refletir e produzir sua disseminação; as diferentes práticas não são excludentes entre si nem alvo de disputa. Assim, construir a formalização ética da profissão docente pode contribuir com a prática da ética.